

**PREFEITURA DA CIDADE DO RECIFE**  
**Secretaria de Educação**



Ofício Circular nº 012/2022 – **GESTOREMREDE/SEDUC**

Recife, 01 de fevereiro de 2022.

**Assunto: Orientações Pedagógicas para o Início do Ano Letivo 2022**

Senhoras e Senhores,

**GESTORES, VICE-GESTORES, COORDENADORES PEDAGÓGICOS E PROFESSORES DAS UNIDADES EDUCACIONAIS DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DO RECIFE.**

É com grande satisfação que apresentamos as Orientações Pedagógicas para o 1º semestre de 2022 a partir do planejamento coletivo para 2022 realizado no encontro dos dias 17, 18 e 29 de dezembro de 2021 com gestores e coordenadores. Ficou combinado que, para o ano de 2022, nossas ações estariam focadas em 5 (cinco) eixos: planejamento, matriz curricular, avaliações, formação e acompanhamento pedagógico.

Neste sentido, para auxiliar no planejamento dos dias 02 e 03 de fevereiro, constante do calendário escolar, encaminhamos os seguintes documentos em anexo:

1. Sugestão de Pauta Pedagógica para os dias 02 e 03 de fevereiro de 2022.
2. Texto : Como garantir a recomposição das aprendizagens na retomada presencial às aulas – por Alessandra Gotti e Helio Daher
3. Texto: Educação Infantil também deve ser planejada – Mara Mansani
4. Organizações Pedagógicas, Fevereiro, 1º Semestre de 2022.

A partir destes dois dias de planejamento, daremos início à construção do fazer pedagógico da Rede de Recife que será permeado por uma série de debates e encontros que permitirão o avanço do processo de ensino-aprendizagem de maneira coletiva e participativa.

Desejamos a todos um início de ano produtivo!

Na oportunidade, apresentamos nossas cordiais saudações e renovamos votos de estima e saúde para todas(os).

Atenciosamente,

**JULIANA GUEDES**

Secretária Executiva de Gestão Pedagógica  
Secretaria de Educação

# Educação Infantil também deve ser planejada

Atividades com intencionalidade marcam a vida das crianças e garantem muita aprendizagem

Mara Mansani



Crédito: Getty Images

Quando comecei minha jornada na Educação como professora da Educação Infantil na década de 1980, não tinha materiais educativos, orientações, nem mesmo preparo para lecionar, afinal ainda estava fazendo na época o Magistério em nível médio.

Para suprir minhas necessidades e de meus alunos, eu mesma, durante muitos anos, construí meus materiais pedagógicos. Muitos deles com ideias retiradas da [revista Nova Escola](#), que desde aqueles anos já era minha companheira.

Uma vez lembro que encontrei na escola um dos poucos livros disponíveis, “Pinote, o fracote e Janjão, o fortão”, de Fernanda Lopes de Almeida. Era uma história sobre oprimidos, opressores, bullying (que na época nem tinha esse nome), amizades e superação. Copiei os desenhos dos personagens do livro em papel, transformei em fantoches. Li o livro para meus alunos, eles manusearam os fantoches e a história ganhou interatividade. Conversamos sobre os temas.

Eles adoraram: pela descoberta que um livro pode proporcionar, por ter acesso pela primeira vez a um livro, pelo encantamento de participar da história. Mas naquele momento eu não tinha a compreensão da aprendizagem proposta pela prática. Provavelmente reproduzi o que vivenciei nas escolas com minhas professoras quando criança.

Já meu filho, Antonio, teve muitas outras oportunidades de aprendizagem quando fez a pré-escola no início dos anos 2000. Dois momentos, entre tantos, marcaram sua trajetória nessa etapa. Um deles foi um grande projeto desenvolvido pelas professoras que propunha uma imersão cultural ao mundo oriental, especificamente na cultura japonesa. Eles estudaram toda a história da imigração ao Brasil. Tapiraí (SP), cidade em que morávamos na época, tem forte tradição e influência japonesas, trazidas pelos inúmeros imigrantes.

O outro momento foi o de conhecer e estudar a vida e obras de Tarsila do Amaral. Em ambos, ele aprendeu muito, pôde interagir, participar ativamente nas atividades e gostou das experiências.

Atualmente, conversando com professoras e professores da Educação Infantil e fazendo formações, tenho conhecido muitas práticas pedagógicas de qualidade. Muitas delas mostram a qualidade e intencionalidade pedagógica desses profissionais, que tiveram a oportunidade de receber formações adequadas, mas infelizmente essa ainda não é a realidade nacional.

Acredito que compreender a Educação Infantil é compreender o processo de alfabetização. Fico pensando nas inúmeras oportunidades de aprendizagens que podemos proporcionar aos pequenos. Por isso, estou sempre na busca de boas práticas na plataforma de planos de aula da Nova Escola.

Selecionei uma sequência de planos para crianças pequenas (4 anos a 6 anos e 2 meses) sobre alimentação que dá até vontade de voltar para a sala de aula na Educação Infantil para desenvolvê-los:

**Atividade 1: De onde vem a nossa comida?**

**Atividade 2: Fazendo nosso próprio lanche: bolo de milho**

**Atividade 3: Nossas comidas favoritas**

**Atividade 4: Exploração sensorial com alimentos**

**Atividade 5: Refletindo sobre os alimentos de pouca aceitação**

São planos de aula em que as crianças terão a oportunidade de aprender muito pensando sobre a sua própria alimentação, em práticas que envolvem a investigação sobre a origem dos alimentos, o processo de elaboração de um alimento, a aquisição de hábitos saudáveis ao comer, entre tantas outras coisas.

Tudo através das rodas de conversas, de desenhos, do levantamento de hipóteses a partir da problematização, de visita a um mercado ou feira livre, etc. Não são práticas difíceis de se realizar, são possíveis e estão bem organizadas e explicadas. Isso é colocar a criança como protagonista de sua aprendizagem de verdade.

Mais tarde, quando crescerem, elas se lembrarão desses momentos tão especiais na Educação Infantil, como meu filho se lembra ainda hoje, e o mais importante: levarão consigo toda essa bagagem de conhecimento.

Um grande abraço a todos e até semana que vem,

Mara Mansani

Retomada

# Como garantir a recomposição das aprendizagens na retomada presencial das aulas

Assegurar que os alunos estejam na escola e qualificar o tempo com eles são medidas fundamentais para avançar nesse processo

Alessandra Gotti  
Helio Daher



Crédito: Getty Images

Quando a Organização Mundial da Saúde (OMS) anunciou que estávamos em uma pandemia global, não houve questionamento da necessidade de fecharmos as escolas – assim como outros serviços que implicam a reunião de um grande número de pessoas.

Afinal, a suspensão de aulas presenciais como ação para o enfrentamento de epidemias e pandemias já foi necessária em outros momentos. A estratégia foi utilizada, por exemplo, pelos Estados Unidos entre os anos de 1918 e 1919 para conter a gripe espanhola – estudos posteriores mostraram que a [ação foi considerada importante para a redução de taxas de mortalidade à época](#). No Brasil, sob mandato do presidente interino Delfim Moreira, também foi tomada essa medida. Mais recentemente, em 2009, o procedimento foi repetido para conter o avanço da Influenza A (H1N1), conhecida como gripe suína.

Contudo, se, por um lado, a suspensão de aulas presenciais mitiga a transmissão de doenças virais, por outro traz impactos para a aprendizagem dos alunos. Precisamos falar do assunto e pensar em

estratégias de enfrentamento.

## Calendário 2022: datas e temas para inspirar suas aulas

Baixe um calendário para uso pessoal ou da equipe e confira sugestões de atividade sobre temas que marcarão o ano.

[ACESSE OS CONTEUDOS AQUI](#)

### Os impactos foram maiores em crianças e jovens mais vulneráveis

Obviamente, comparar os efeitos na Educação do início do século XX com a que temos agora é, como diz o ditado popular, comparar bananas com laranjas. Afinal, no Brasil, na época da gripe espanhola, o acesso à escola era exclusivo da elite – por isso, para os mais pobres, a suspensão das aulas não alterou suas rotinas.

Hoje, embora ainda existam grandes lacunas, nossa Educação Básica está muito mais próxima da universalização. Antes da pandemia, atingíamos patamares de 97,3% de crianças e jovens de 4 a 17 anos na escola, segundo estudo [Cenário da Exclusão Escolar no Brasil](#), elaborado pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef) e o Cenpec.

A possibilidade de ter um ensino remoto não foi suficiente para evitar a tragédia educacional causada pelo fechamento das escolas. [A pandemia criou um retrocesso de duas décadas para mais de 5 milhões de crianças e jovens](#) – o que equivale a 13,9% da população brasileira de 6 a 17 anos. Esses números são majoritariamente de crianças e jovens pobres, pardos e negros (68,5%).

Diferentemente do que aconteceu no século passado, a população mais vulnerável é a mais afetada, pois a escola é para essa parcela da população um espaço de aprendizagem, sociabilização, desenvolvimento emocional e, até mesmo, segurança alimentar.

## Curso gratuito: como combater a evasão escolar no Ensino Médio

Entenda como fazer o planejamento tendo em vista a realidade dos alunos, compartilhar formas de realizar busca ativa aos evadidos e de resgatar a identidade escolar, para que os alunos se sintam pertencentes àquela comunidade e criem laços com a escola.

[SAIBA MAIS SOBRE O CURSO AQUI](#)

Por isso, precisamos ter consciência das consequências deixadas pelo fechamento de escolas. Entender que a adoção emergencial do ensino remoto – por aqueles que tiveram acesso –, aconteceu sem que ninguém estivesse devidamente preparado. Esse cenário causou prejuízos consideráveis no progresso cognitivo e socioemocional dos estudantes, que não podem ser ignorados no retorno presencial.

Embora tenha sido necessário fechar as escolas no início da pandemia, hoje o cenário é outro. [Temos evidências de que é possível retomar as atividades presenciais de forma integral e obrigatória](#). Com essa possibilidade no horizonte, é imprescindível entender que as estratégias de suplementação pedagógica que utilizamos normalmente, tais como recuperação paralela, revisão de conteúdos e regimes de progressão parcial, não darão conta dos impactos da pandemia.

### Recomposição da aprendizagem

Segundo o dicionário, *recuperar* significa tornar a ter a posse, reaver; já *recompôr*, reconstituir, reorganizar, restaurar. Por isso, muitos têm preferido usar **recomposição de aprendizagem** para identificar o movimento que é necessário hoje.

A demanda que temos atualmente é diferente das defasagens e dificuldades de aprendizagens que existiam antes da pandemia. Por isso, é preciso mais do que recuperar, mas construir uma ação complexa e significativa que vise não só reconectar o estudante à trajetória cognitiva afetada pelo distanciamento, mas também reduzir a desigualdade educacional.

O foco deve estar na reconstituição, a reorganização e a reconstrução das aprendizagens. Isso significa desenvolver ações que foquem o desenvolvimento das habilidades essenciais que foram prejudicadas, mas que são fundamentais para a continuidade do caminhar pedagógico dos estudantes.

## Como superar barreiras de aprendizagem na volta às escolas

Confira estratégias para apoiar alunos com deficiência, ou que não tiveram acesso à internet no contexto remoto ou que sofreram dificuldades financeiras e emocionais no período.

**ACESSE OS CONTEUDOS  
AQUI**

Para isso, a [avaliação diagnóstica é o ponto de partida](#) para averiguar a profundidade dos danos. Também é vital a análise de como está o socioemocional dos estudantes e professores.

A recomposição das aprendizagens deve ser uma ação complementar ao retorno presencial e deve acontecer em paralelo às atividades previstas nos Projetos Políticos Pedagógicos (PPPs) escolares.

Um caminho é investir em mais tempo qualificado para o processo de ensino-aprendizagem – com o devido cuidado para não sobrecarregar os alunos e afastá-los da escola. É um cenário complexo e desafiador que requer energia e foco.

### A experiência de quem já está organizando esse trabalho

No estado do Mato Grosso do Sul, pretende-se realizar a recomposição de aprendizagem em regime de colaboração entre os municípios – com apoio do Comitê de Articulação para a Efetividade da Política da Educação no Mato Grosso do Sul (Caepe-MS), [governança com resultados exitosos sobre a qual já falamos nesta coluna](#).

Na rede, as ações de recomposição utilizarão propostas pedagógicas mais engajadoras, como, por exemplo, [fazendo uso de metodologias ativas](#), que buscam dar maior protagonismo aos estudantes. Outra recomendação será de elaborar um trabalho que estimule investigação. A estratégia permite o desenvolvimento de aprendizagens mais significativas e possibilita que os professores explorem temas de interesse e estimulem a [aprendizagem colaborativa com grupos de estudos e clubes de pesquisa](#).

Essas não são as únicas estratégias para diminuir os prejuízos causados pelo distanciamento dos estudantes de suas escolas, mas são duas possibilidades. Esperamos que muitas outras mais sejam compartilhadas e que a sociedade venha a se engajar para que não tenha sido em vão o sacrifício que cada criança e jovem deste país fez no combate a pandemia.

**Alessandra Gotti** é fundadora e presidente-executiva do Instituto Articule. Doutora em Direito Constitucional pela PUC/SP. Foi Consultora da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) e do Conselho Nacional de Educação (CNE).

**Helio Daher** é Presidente do Conselho Estadual de Educação de Mato Grosso do Sul, Superintendente de Políticas Educacionais da Secretaria de Estado de Educação de MS e mestrando em Educação pela UEMS/MS.